



PESQUISA DE CAMPO EM ARTES DO CORPO EM CENA: O desenho da transcestralidade indígena e as fissuras poéticas na árvore CIs gênero-lógica de matriz europeia

DODI TAVARES BORGES LEAL

Professora Adjunta do curso Artes do Corpo em Cena do Centro de Formação em Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia (CFA-UFSB). Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e Licenciada em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

RESUMO

Poderia o corpo vincular-se a uma ancestralidade diferente da genealógica? A inscrição corporal de matrizes étnico-raciais não-hegemônicas guarda quais semelhanças com as corporalidades transgêneras? Quais poderiam ser as ancestralidades do corpo trans? Este texto trata do percurso de pesquisa de campo desenvolvida no quadro de um processo criativo que culminou no espetáculo teatral *A Demência dos touros* da Cia. Teatro do Perverto (São Paulo, 2017). Na ocasião, as interrogações do coletivo a respeito da intersecção das transgeneridades com processos étnico-raciais ensejaram o levantamento de informações genealógicas da autora deste texto, que atuou na criação teatral tanto na frente do dramaturgismo como a documentação: o seu percurso pessoal e a busca da ancestralidade culminaram como fontes da elaboração ficcional do espetáculo teatral. A partir dos questionamentos e conceitos inspirados nas perspectivas da autohistória (ANZALDÚA, 1987), da autogenealogia (JODOROWSKY, 2002) e da etnocenologia (BIÃO, 2009), este artigo reconstitui a ida da autora a três cidades de procedência genealógica direta, sendo a primeira delas nordestina e indígena (Simplício Mendes - Piauí) e as duas outras, de matriz europeia (São João da Pesqueira - Portugal; Montilla - Espanha). Na composição, sugere-se o potencial da transcestralidade indígena da autora como provocação da genealogia corporal europeia, cisnormativa.

PALAVRAS-CHAVE:

Criação teatral.
Pesquisa de campo.
Transgeneridades.
Ancestralidade.

ABSTRACT

*Could the body be linked to a different ancestry from genealogical? Does the body traces of non-hegemonic ethnic-racial matrices bear similarities with transgender corporealities? What could be the ancestralities of the trans body? This text deals with the course of field research developed within the framework of a creative process that culminated in the theatre play *A Demência dos touros* of Cia. Teatro do Perverto (São Paulo, 2017). On the occasion, the collective's inquiries about the intersection of transgenerities with ethnic-racial processes led to the genealogical information collected by the author of this text, who acted in the theatrical creation both in front of dramaturgy and of documentation: her personal journey and the search for ancestry culminated as sources of the fictional elaboration of the theatrical spectacle. Based on the questions and concepts inspired by the perspectives of self-history (ANZALDÚA, 1987), self-genealogy (JODOROWSKY, 2002) and ethnocenology (BIÃO, 2009), this article reconstructs the author's journey to three cities of direct genealogical origin, being the first of them Brazilian Northeastern and indigenous (Simplício Mendes - Piauí) and the other two with a European matrix (São João da Pesqueira - Portugal, Montilla - Spain). In the composition, we suggest the potential of the author's indigenous transcestrality as a provocation of the European, cisnormative, body genealogy.*

KEYWORDS:

*Theatrical creation.
Field research.
Transgenerity.
Ancestrality.*

RESUMEN

*¿Podría el cuerpo vincularse a una ancestralidad diferente de la genealógica? ¿La inscripción corporal de matrices étnico-raciales no hegemónicas guarda qué semejanzas con las corporalidades transgéneras? ¿Cuáles podrían ser las ancestralidades del cuerpo trans? Este texto trata del recorrido de investigación de campo desarrollado en el marco de un proceso creativo que culminó en el espectáculo teatral *A Demência dos touros de la Cia. Teatro do Perverto* (São Paulo, 2017). En la ocasión, las interrogaciones del colectivo acerca de la intersección de las transgeneridades con procesos étnico-raciales propició el levantamiento de informaciones genealógicas de la autora de este texto, que actuó en la creación teatral tanto delante del dramaturgismo y de la documentación: su recorrido personal y la búsqueda de la ancestralidad culminaron como fuentes de la elaboración ficcional del espectáculo teatral. A partir de los cuestionamientos y conceptos inspirados en las perspectivas de la autohistoria (ANZALDÚA, 1987), de la autogenealogía (JODOROWSKY, 2002) y de la etnocenología (BIÃO, 2009), este artículo reconstituye la ida de la autora a tres ciudades de procedencia genealógica directa, siendo la primera en el Nordeste de Brasil y indígena (Simplicio Mendes - Piauí) y las otras dos de matrices europeas (São João da Pesqueira - Portugal; Montilla - España). En la composición, se sugiere el potencial de la transcestralidad indígena de la autora como provocación de la genealogía corporal europea, cisnormativa.*

PALABRAS-CLAVE:

*Creación teatral.
Investigación de campo.
Transgeneridades.
Ancestralidad.*

RÉSUMÉ

*Le corps pourrait-il être lié à une ancestralité différente de la généalogie? Les traits du corps des matrices ethno-raciales non hégémoniques présente-t-ils des similitudes avec les corporéités transgenres? Quels pourraient être les ancestralités du corps trans? Ce texte traite du cours des recherches sur le terrain développées dans le cadre d'un processus de création qui a abouti au spectacle théâtral *A Demência dos touros de la Cia. Teatro do Perverto* (São Paulo, 2017). A cette occasion, les questions du collectif sur l'intersection des transgénérités avec les processus ethno-raciaux ont permis de recueillir les informations généalogiques de l'auteur de ce texte, qui a travaillé sur la création théâtrale tant devant la dramaturgie que la documentation: son parcours personnel et la recherche de l'ancestralité a culminé en tant que sources de l'élaboration fictive du spectacle théâtral. Fondé sur des questions et des concepts inspirés par les perspectives de l'auto-histoire (ANZALDÚA, 1987), de l'autogénéologie (JODOROWSKY, 2002) et de l'ethnocénologie (BIÃO, 2009), cet article reconstruit le parcours de l'auteur dans trois villes d'origine généalogique directe, soit la première au Nord-est du Brésil et autochtone (Simplicio Mendes - Piauí) et les deux autres avec une matrice européenne (São João da Pesqueira - Portugal, Montilla - Espagne). Dans la composition, nous suggérons le potentiel de la transcestralité autochtone de l'auteur en tant que provocation de la généalogie des corps européens, cisnormative.*

MOTS-CLÉS:

*Création théâtrale.
Recherche sur le terrain.
Transgénérités.
Acestralité.*



INTRODUÇÃO

Em percursos de pesquisa de campo no contexto de montagens cênicas recentes, o corpo e as narrativas pessoais das/os participantes do processo criativo têm se tornado componentes poéticos cruciais do trabalho artístico. Um dos canais de sustentação teórico-metodológica dessa perspectiva tem sido a abertura proporcionada pelos estudos em etnocenologia (BIÃO, 2009), cujo olhar epistêmico sobre o fenômeno cênico não se reduz nem à vida ordinária, nem ao saber teatral enquanto disciplina fundada nas bases do cientificismo escolástico (SANTOS, 2012).

Nesse sentido, enquanto atuante no dramaturgismo e na documentação do processo criativo da obra teatral *A Demência dos touros* da Cia. Teatro do Perverto (São Paulo, 2017), tive a incumbência de levantar elementos da minha vida pessoal no sentido de contribuir com os elementos de elaboração ficcional. A preocupação do grupo em torno da intersecção de elementos étnico-raciais com as transgeneridades no corpo das/os participantes da criação, estimulou uma pesquisa de campo mais ampla de minha genealogia no sentido de compreender melhor os processos de ancestralidade do corpo trans.

O conceito de *auto-história*¹ de Anzaldúa (1987) e o conceito de *autogenealogia*² de Jodorowsky (2002) foram pontos de partida fundamentais para compreender não apenas como os pedaços de história que recebi do percurso de componentes da minha família contribuíram significativamente para minha formação subjetiva de gênero, mas, principalmente, para perceber que o ato de reconstruir poeticamente esse percurso poderia modificá-la. “Nossa árvore genealógica em partes é a armadilha que limita nossos pensamentos, emoções e vida material... e em outras é o tesouro que encerra a maior parte de nossos valores” (Jodorowsky, 2002, p.13). Recompôr minha árvore genealógica foi o dispositivo fundamental para investigar a poética do corpo trans, interrogando suas possíveis ancestralidades.

Parti, então, em três aventuras formativas, inspirada na noção de experiência como passividade, como padecimento (LARROSA, 2003) e viagem de formação (GOETHE, 2006). Tanto em um caso como em outro, a errância em torno dos vetores do desejo se dão por uma receptividade elementar, mas que precisa de uma atuação. A passividade enquanto paixão, uma espécie de

1 Autohistória: marco crítico à narrativa biográfica, trata-se de uma perspectiva na qual a fronteira atua na construção da história de vida. A autohistória contempla uma visão na qual uma trajetória de vida é um complexo em que a identidade é simultaneamente única e múltipla. De acordo com Anzaldúa (1987), a escrita social de um sujeito de fronteira pela auto-história atua nas entranhas diaspóricas de fluxos coletivos migracionais, potencializando que a história de um sujeito não apenas se associe a um referencial ancestral, mas redefine e torne-se a história de seu próprio povo.

2 Autogenealogia: outra abordagem crítica à narrativa biográfica, trata-se de uma perspectiva na qual a busca de indícios poéticos nas linhas subjetivas, que constituem a genealogia de um sujeito, possibilita uma expansão à configuração clássica genealógica que se reduz à sucessão reprodutiva, supostamente monogâmica, linear e imóvel de gerações. Essa proposição é desenvolvida por Jodorowsky (2002, p.11) a partir de uma frase do dramaturgo francês Jean





euforia com sua própria história, é já uma *passivatividade*. No sentido de abertura à experiência, há no momento de partida a uma viagem uma disposição primeira à transgeneridade. Não à toa, o radical da palavra experiência em alemão (*Erfahrung*) é o mesmo que viajar (*Fahren*). Ir de encontro aos lugares de onde vieram meus/minhas antepassado/as foi fundamental para a experiência de (re)constituição da minha performatividade de gênero.

Vejamos, a seguir, alguns elementos encontrados, os quais foram balizados com os contornos étnico-raciais e desdobrados em olhares artísticos novos, permitindo-me não apenas recontar minha história, mas dar-me vigor a uma crítica aos processos de formação de gênero em um contexto macro. Apresentarei esses elementos a partir das cidades em que nasceram minhas avós, bisavós, tataravós etc.: 1) Simplício Mendes (sul do Piauí, Nordeste brasileiro); 2) São João da Pesqueira (Viseu, norte de Portugal); 3) Montilla (Andalucía, sul da Espanha).

Cocteau: “Um pássaro canta melhor em sua árvore genealógica”. A ideia central é a de que há na árvore genealógica elementos subjetivos fundamentais de narrativa de vida que precisam ser conhecidos e recontados nos quais a narrativa da memória é sempre um exercício de elaboração e reconfiguração das ancestralidades.



ETAPA 1 – SIMPLÍCIO MENDES (SUL DO PIAUÍ, NORDESTE BRASILEIRO)

Cheguei em Simplício Mendes na primeira semana de janeiro de 2017. Fui sozinha. Ao chegar, dirigi-me ao cartório da cidade, que calculou o preço de em torno de R\$ 100,00 para cada documento que pudesse ser encontrado como a cópia das certidões de nascimento, de casamento e de óbito. Como ainda lá vivem primos/as do meu pai, e por ser uma cidade pequena, perguntei discretamente em um comércio da praça principal por alguém que fosse membra da minha família. Minha surpresa foi não só encontrar a família, mas saber que meu pai, minhas tias, minha avó e meu avô são lembrados/as por pessoas mais velhas da cidade. Acolhida pelo primo do meu pai, ele me levou ao sítio de onde meu pai e minhas tias viveram quando eram crianças, antes de migrarem a São Paulo, na década de 1970. Eu completava



um ano desde que havia feito a cirurgia no cotovelo direito por conta da queda da bicicleta: fui apresentada ao local onde meu avô caiu do jegue. A queda dele e a minha nos transformaram; no caso dele, teve um derrame e mudou-se para São Paulo para ter cuidados médicos aos quais não se tinha acesso no sul do Piauí nos anos 1990.

Do ponto de vista étnico-racial, o que mais me impressionou é o peso da matriz branca-europeia na formação do/a Caboclo/a. Caboclo/a é alguém que nasceu da mistura reprodutiva de uma pessoa branca e uma pessoa indígena. A chegada de portugueses/as na região do sul do Piauí remonta ao período do século 1600 a 1800, quando se iniciou aí o processo de embranquecimento da população indígena, não só pelas mestiçagens, mas pela própria resultante de dominação econômica e cultural do povo branco-europeu sobre os povos indígenas. Vêm daí meus sobrenomes 'Borges' e 'Leal', ambos muito comuns nessa região.

Tive muitas dificuldades de montar o tronco da árvore genealógica por parte de pai. Durante certo tempo acreditava que isso se devia ao fato de que a matriz indígena teria mesmo esse aspecto *in-documentável* ou inacessível pelos documentos do Estado brasileiro genocida. A própria morte de indígenas em grandes escalas, além da aculturação no encontro com os/as portugueses/as, fez com que vários de seus costumes e de suas línguas ganhassem um único tom: o de apagamento histórico. Soube há pouco tempo, por meio da obra de Darcy Ribeiro (2015), que subsistem em algumas tribos indígenas modos próprios de elaboração da árvore genealógica, tema que despertou minha curiosidade, mas que não pude alcançar, dadas as delimitações temporais da feitura desta pesquisa.

O fato é que o máximo de informações que obtive em termos de nome, ano de nascimento, cônjuge etc. foi de minhas bisavós. Compreendi, nessa busca, que os efeitos da branquitude na formação cabocla do meu pai vêm apagando seus traços indígenas desde antes de chegar a São Paulo. A propósito, a capital paulistana e o contexto de trabalho em que meu pai se inseriu corroboram ainda mais com esse processo de embranquecimento.

Diante de tal realidade, reconhecer os resquícios indelévels de traços indígenas de gênero em mim passou necessariamente por compreender melhor os elementos da história do Nordeste brasileiro. Minha avó Silvina, muambeira, que nos anos 1970 já ia do Piauí a São Paulo e depois ao Paraguai com o objetivo de comprar brinquedos e roupas para revender, era lembrada como "do mundo" e "festeira"; eufemismos para "puta", porque teve a ousadia de separar-se do meu





avô. Aqui onde vim buscar uma árvore genealógica para pensar no meu processo constitutivo de gênero, encontrei não a árvore genealógica cheia de ramos, de linhagens, de documentos, mas a árvore genealógica em formato de mandacaru desavergonhado, ali espalmando o sol do sertão, retendo água e ressoando o assobiar das noites de céu estrelado. Voltei de lá, então, com esta poesia que redigi na ocasião (LEAL, 2017, p.134-136):



Nordestinidade trans

*Imagens que devoram nossos corpos, pegam rastro
Em cada senso dos mandacarus desavergonhados.
Encontro resenha para bodes fixarem em seu pasto
Devorar as bichas é covardia, nem tente o cozinhado.*

*Vítima de abuso, sangue de mulher é a água do sertão.
Retirantes não escapam de dizer que o feminino existe.
Putas e do mundo, as dadas carecem de toda confissão.
Os homens que ficam as comparam com malucas, chiste.*

*Missionárias mulheres piauienses que da seca correm
E comercializam possibilidades regionais em produtos.
Primeiro criam a revolução e logo depois elas morrem.
Atropeladas pelo urbano, antes houvesse um viaduto.*

*História local: houve por aqui índia trans nordestina.
Embora solidária, vida de açude acampa desavisos.
Não sobrou índia, não sobrou trans, tem nordestina.
Mulher cisgênera branca ainda pode dar seus risos?*

*Um estupro só pode dar vida a toda uma linhagem.
Quando perto dos cajás uma mulher padece, pronto!
Ainda criança, é com a infância toda a sacanagem.
Qual razão de um corpo cajado em um desconforto.*

*Qualquer caçaça que acompanhe uma contação
Não pode ter o melaço, este é bom pras rapaduras.*

*As trans são salgadas, as rapafinas da exclamação!
Em terra de engenho não há tempo para as agruras.*

*Pra uma mulher trans nascer no Piauí basta ser puta.
Porém, nos quadros de gestão de qualquer empresa,
Não se vê ainda vagas para pessoas trans em disputa.
Não era só a isto que deveria se dedicar a imprensa?*

*Pra uma mulher trans morrer no Piauí era mais fácil,
Basta ter sido índia. Nem adianta abrir tuas colocações
Sem que o escopo seja trans-protagonizado, é tácito!
Cotas queremos para entrar. Chega de estupefações.*

*Se toda restrição às pessoas trans é à participação,
Dizemos não com veemência, queremos conceber.
Ser conduzida por cis? Não. Ocuparemos a gestão!
Então, aqui no Nordeste as trans só tão pra crescer.*

*Nossa pauta tão longa não tá aqui pra tirar a irmandade.
As manas cis têm como se aliar, mesmo as paulistanas.
No entanto são as trans que vão dar o tom da coletividade,
Mesmo que isso mexa com os privilégios das puritanas.*

*Povo sertanejo não sabe dar nome às trans mulé.
Elas são um saber pra se conhecer na meninidade.
Ter direito, ainda longe. Mas nosso grito vem do pé.
Retirantes do gênero, tombadas de profundidades.*



ETAPA 2 – SÃO JOÃO DA PESQUEIRA (VISEU, NORTE DE PORTUGAL)

Cheguei em São João da Pesqueira na segunda quinzena de dezembro de 2017. Fui com minha mãe. Chegamos as duas ali juntas pela primeira vez nessa ocasião. Foi a primeira visita familiar desde que meu bisavô José havia emigrado dali havia 100 anos. Em busca de documentos, encontramos pessoas. Conversamos com muita gente velha dessa terra. Perguntadas pela família de Tavares, fomos direcionadas a uma única fonte: seu Américo. Na faixa de 70 anos, Américo trabalha como solicitador pelo governo de Portugal, uma espécie de cobrador de impostos. Ele nos recebeu em sua casa. Lá ele nos ajudou a corresponder informações entre o avô da minha mãe e sua família. Descobrimos uma altíssima probabilidade de parentesco entre nós: tudo indicava que sua mãe era irmã mais nova do avô da minha mãe. Um achado impressionante foi saber que Eduardo Tavares, tio de Américo, portanto tio-avô da minha mãe, foi um escultor muito importante, crítico à ditadura Salazarista e que, ainda, havia nascido no mesmo dia e mês que eu (24/07/1918).

Há, em São João da Pesqueira, o Museu Eduardo Tavares, espaço dedicado às obras de escultura do artista e à arqueologia da região de Trás-os-Montes. Tanto na casa de Américo como no museu, encontrei trabalhos de Eduardo que se destacaram para mim do ponto de vista de seu conteúdo de gênero. Tanto em *A mulher e a cabra* como em *O homem e a serra*, ambas de 1966, representadas respectivamente nas Ilustrações 1 e 2, vemos corpos que representam simultaneamente diagonalidade e torção e que dominam animais pelo chifre.

FIGURA 1
A mulher e a cabra (1966) –
escultura de
Eduardo Tavares.
Fonte: Dodi Leal.





Nessas duas obras de Eduardo Tavares, os traços de gênero remetem a um ideal geométrico de corpo da Grécia Antiga. De fato, o autor tinha essa busca clássica que o levou a escrever os livros *Anatomia Artística* (TAVARES, 1994) e *Da geometria de Miguel Ângelo na Capela Sixtina* (TAVARES, 1983). Deste último, ganhei um exemplar de presente de Américo, no qual constam os dizeres que comprovam seu aficcionamento ao classicismo de cunho renascentista:

(...) esta obsessão, esta mania por Miguel Ângelo levou-me, já bem tarde, por curiosidade, a tentar compreender algo da técnica de realização das enormes composições: da abóbada e do Juízo Final. Porque, nada podia ser improvisado, deixado ao acaso, sem norte, sem rumo, sem ordem, naquelas superfícies intermináveis. Estas teriam de ser organizadas, seccionadas, cadenciadas por elementos geométricos modulares ou coisa equivalente. A abóbada foi, como se sabe, dividida em rectângulos pelo traçado duma arquitectura aparente e os espaços que resultaram dessa compartimentação, ocupados pelos diversos temas bíblicos que haveriam de ser interligados nos seus elementos por um traçado geométrico geral.

As Ilustrações 3 e 4, respectivamente, *Nossa senhora do Ó grávida* e *Mulher levanta vestido ao sair do rio*, revelam, no entanto, uma outra face de Eduardo: sua atividade estética provocadora pela qual o associam ao modernismo do seu tempo. No regime Salazarista, Eduardo já era professor de artes da Universidade do Porto: sua atividade crítica fez com que tivesse de se exilar. Foi para a Itália, onde desenvolveu seus estudos sobre Michelangelo, que culminaram na obra referenciada. Efetivamente seu empenho não era apenas em indicar como o mundo podia ter representações artísticas geométricas, mas também, como se vê nas duas últimas imagens de suas esculturas, em proceder uma crítica de gênero que transcendia os limites cristãos trasmontanos.



FIGURA 2
O homem e a serra
(1966) – escultura
de Eduardo Tavares.
Fonte: Dodi Leal.



FIGURA 3
Nossa senhora do Ó grávida
– escultura de Eduardo
Tavares. Fonte: Dodi Leal.

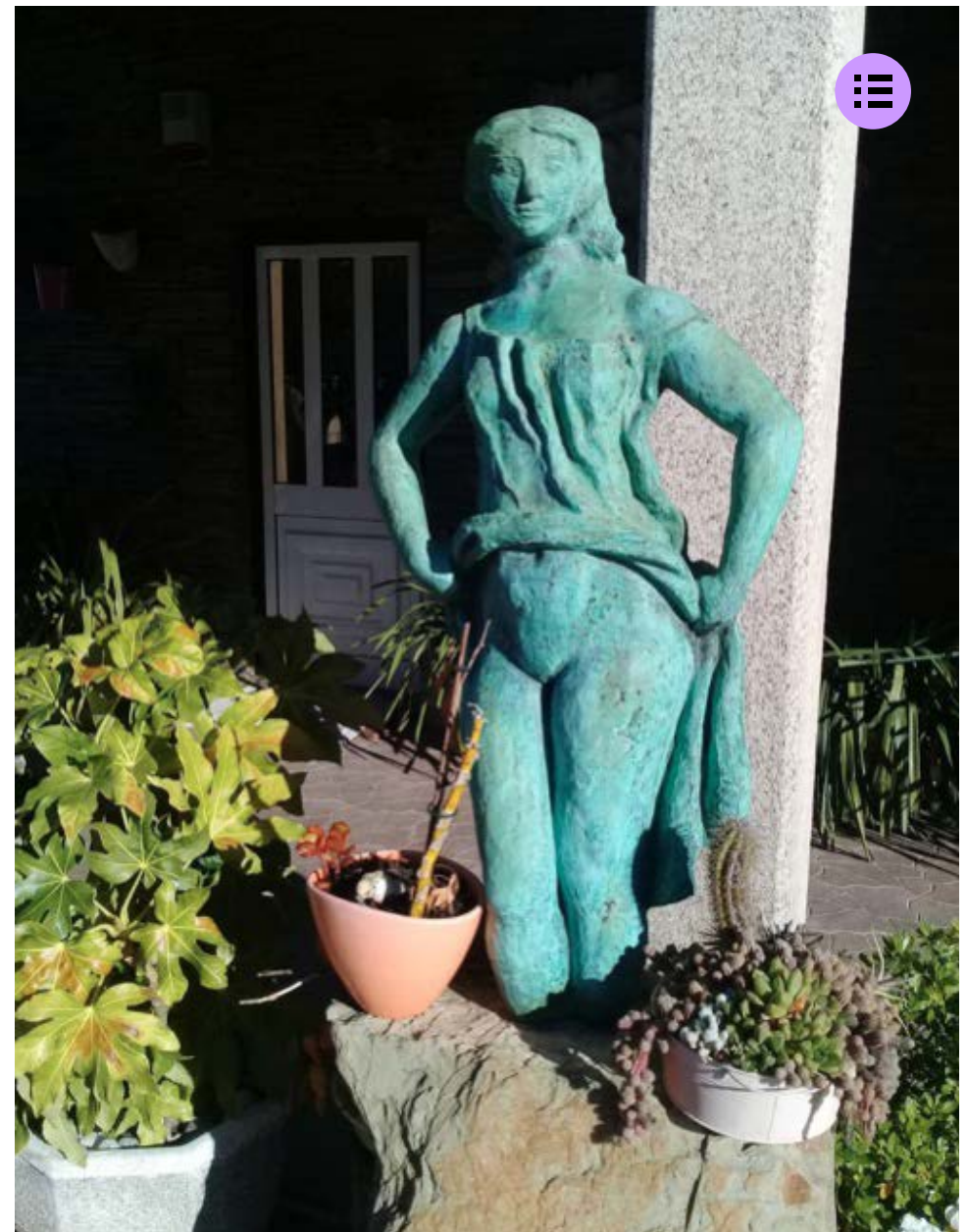


FIGURA 4
*Mulher levanta vestido ao sair
do rio* – escultura de Eduardo
Tavares. Fonte: Dodi Leal.



ETAPA 3 – MONTILLA (ANDALUCÍA, SUL DA ESPANHA)

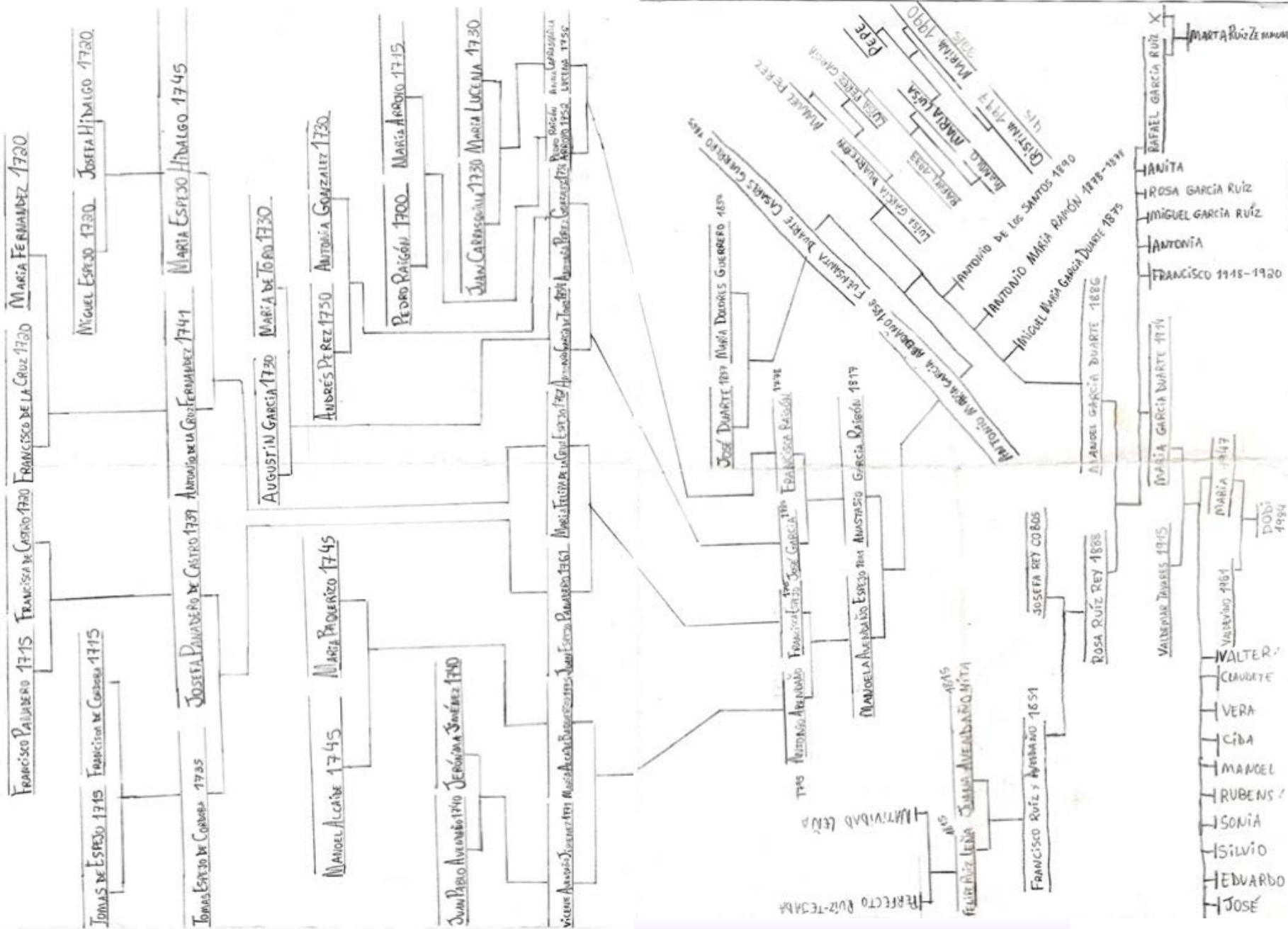


Cheguei com minha mãe em Montilla na segunda quinzena de janeiro de 2018. Eu havia estado na cidade exatos 10 anos antes, em janeiro de 2008, quando descobri a residência em que minha avó morou quando nasceu, bem como a família que ficou na cidade quando meu bisavô e minha bisavó embarcaram ao Brasil, em torno de 1918. Dessa vez pude encontrar não alguns, mas muitos registros de genealogia, os quais, por sua vez, eram desconhecidos da parte da família que vive lá. A profissão de *jornaleros/as*, ou seja, que trabalham por jornada, ainda é a mesma: vivem da colheita de azeitona para a produção de azeite e de uva, para a produção de vinho.

Fiz um trabalho de levantamento documental durante uma semana, de segunda a sexta, das 8h às 17h, no Arquivo Municipal de Montilla, no cemitério da cidade, da catedral católica. No fluxograma representado no Quadro 1 a seguir, constam os dados de nomes, casais e datas de nascimento de pessoas da família. Todos/as são de Montilla, até a emigração a São Paulo no início do século XX, onde as pessoas descendentes começaram a nascer, como minha mãe e eu. A extensão documentada surpreendeu-nos: achamos registros que remontam ao ano de 1700, século XVIII.

Diante de tão ampla procedência espanhola documentada, me pus a perguntar não apenas sobre a diferença de registros encontrados, sobretudo com relação à matriz piauiense, mas, principalmente, do que tratam esses documentos? A que serve o processo de determinação e controle de gênero pelo Estado? Por que segue o princípio cisnormativo? O que o modelo de família constituído sob a base reprodutiva tem a nos dizer sobre gênero? E então pensei: a árvore genealógica é assentada numa lógica de gênero reprodutiva e cisnormativa; passei a nomeá-la de árvore gênero-lógica (LEAL, 2018).

Vejamos então o fluxograma que reconstituí, no Quadro 1:



QUADRO 1 Árvore CISgênero-lógica de Dodi Leal.



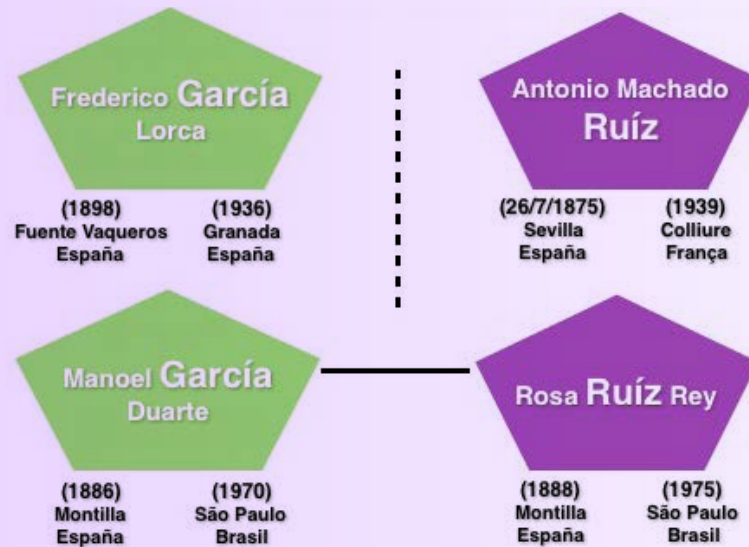
Definimos aqui a gênero-logia como o nexos naturalizado da cisnormatividade que herdamos de antepassados/as, sob a ótica reprodutiva, cuja dificuldade de se rastrear documentos dá indícios do papel social do gênero em conferir institucionalidade às supressões étnico-raciais não-brancas no mundo ocidental.

Ainda inspirada nas provocações da autogenealogia de Jodorowsky (2002) e da autohistória de Anzaldúa (1987), verificamos como o olhar de pessoas trans para o mundo (de trans pra frente) se propõe a criar outras possibilidades, subversivas à cisnormatividade e à lógica reprodutiva. Passei a me perguntar se, em vez de uma gênero-logia que desenha a genealogia, pudesse sugerir uma gênero-alogia. Mas o que seria um processo de expressividade gênero-alógica e quais seus entrelaçamentos com a ordem social global? Então, vejamos qual aspecto me levou a formar a minha gênero-alogia poética social do corpo trans!

Na biblioteca municipal de Montilla conheci a obra do escritor José Cobos (1959), que se dedicou a temas da cidade. Me surpreendeu descobrir que Montilla tem geograficamente uma distância equivalente entre Sevilla e Granada. Na primeira cidade nasceu o poeta Antonio Machado em 26/7/1875 (dois dias depois do mesmo mês do meu aniversário). Em Fuente Vaqueros, cidade próxima a Granada, nasceu o teatrólogo García Lorca. “Montilla está equidistante da alegre e clara Andaluzia machadiana e a grave e trágica de Lorca” (COBOS, 1957, p.9). Ora, ao descobrir, ainda, que havia proximidade geracional de ambos com o período em que nasceram meu bisavô e minha bisavó, concluí que todos/as eram frutos do mesmo contexto social, circunscritos às mesmas condições de uma época. Essa seria, então, minha árvore TRANSgênero-alógica, diferente da árvore CISgênero-lógica.

O Quadro 2, a seguir, sumariza a associação poética que me inspirou um quê de um novo pertencimento social baseado no tronco familiar montillano que emigrou ao Brasil. Eis a minha árvore TRANSgênero-alógica, que não serve a nenhuma lógica reprodutiva nem tampouco a uma lógica cisnormativa. Apenas versa sobre uma descoberta pessoal que expande os limites da árvore CISgênero-lógica ou genealógica tradicionais.





QUADRO 2
Árvore TRANSGênero-alógica
de Dodi Leal.

O redimensionamento artístico da estrutura familiar foi um dispositivo importante nesta pesquisa enquanto possibilidade sugestiva de ruptura em escala micro do efeito biopolítico de naturalização da cisgeneridade. Os aspectos aqui elaborados dizem respeito à minha história pessoal e não se pretendeu ser suficiente para compor um quadro geral das transgeneridades hoje, em sua totalidade e exaustão. Inversamente, o quadro das transgeneridades na atualidade tem nos aspectos sociais globais indicadores importantes que dão subsídio para pensar a ancestralidade do corpo para além da genealogia reprodutiva, mas também, ressignificando elementos dela.



CONSIDERAÇÕES FINAIS: CORPO, POÉTICA E TRANSCESTRALIDADE



O percurso apresentado neste artigo se baseou no conceito de narrar-se enquanto sujeito de experiência, tendo em vista os substratos genealógicos do passado e como eles participam do percurso formativo de gênero de cada pessoa. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele foi efectivamente’. É muito mais apropriar-se da recordação que brilha num momento de perigo” (BENJAMIN, 2012, p.133). Tratei de olhar para a minha própria genealogia com o intuito de resgatar elementos que não foram suficientemente elaborados, que chegaram até mim como rastros. Esses rastros, por sua vez, remetem-me não apenas à inexorabilidade de gênero e aos problemas sociais diaspóricos étnico-raciais e de dominação colonizadora que motivou fluxos (i)migratórios dos últimos séculos, mas também ao próprio problema de transmissibilidade de gênero, que se configurou nesses percalços todos, na minha história, assim como na história de bilhões de pessoas.

Ora, desdobrando a noção de Benjamin (2012) sobre a transmissibilidade da tradição, associamos a tradição cisnormativa a sua constante manutenção e reprodução; evidentemente, a própria ideia de repetição histórica entre sucessivas gerações de se nomear enquanto reprodução traz consigo a própria condição básica da genealogia tradicional cisnormativa de basear-se em uma funcionalidade reprodutora. Ou seja, a noção de gênero dominante está marcada pela constituição e pela transmissão de uma referencialidade social imbuída da noção de cisgeneridade naturalizada, mas também a transmissibilidade da normatividade de performance de gênero se dá por meio de uma cadência mais ou menos ritmada de reprodução sexual como fator de gênero. Narrar a experiência genealógica, nesse sentido, seria não apenas pôr em xeque a reprodução sexual como fator determinante de todas as cadeias familiares mas, sobretudo, pôr em perigo, de um lado, a transmissão da tradição cisnormativa e, de outro lado, pôr em risco a sua recepção. “O perigo ameaça tanto a existência da tradição como aqueles que a recebem” (BENJAMIN, 2012, p.133).



Almejamos então novos caminhos de compreensão da ancestralidade do corpo que não corroborem com os mecanismos dominantes da cisnormatividade e da branquitude e que possam, talvez, a partir de percursos poéticos, reinventar-se. Tendo partido do reconhecimento de matrizes étnico-raciais não-hegemônicas na compositividade do corpo, aventamos a poética transgênera como uma pista de questionamento da genealogia da reprodutividade.

Essa foi a primeira narrativa de transcestralidade do corpo. Percebemos aqui que a noção de transcestralidade aponta as limitações da visão cis ocidental branca de ancestralidade, a qual se assenta não apenas em linhas sucessórias da genealogia e da reprodução, mas também nos princípios de estabilidade territorial e de sujeito unificado.

Ao ensejar a transcestralidade como motriz de pesquisa de campo nas Artes do Corpo em Cena, destacamos que as referencialidades de povos e saberes que nos constituem não apenas podem ser material de cena como também podem ser alterados pelo próprio modo de narrar. Nesse sentido, linhas genealógicas são traços de subjetividade à espera de elaboração poética de sujeitos que se tornam a história de seu próprio povo.

REFERÊNCIAS

- » ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands: La Frontera**. San Francisco: Aunt Lute, 1987.
- » BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Tradução de Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água, 2012.
- » BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Editora, 2009.
- » COBOS, José. **Menos que nube: disquisiciones sobre temas montillanos**. Madrid: Ediciones La Veleta, 1957.
- » COBOS, José. **Al correr del tiempo**. Madrid: Imprenta Sáez, 1959
- » GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ed.34, 2006.





- » JODOROWSKY, Alejandro. **Donde mejor canta un pájaro**. Madrid: Ediciones Siruela, 2002.
- » LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- » LEAL, Dodi. **De trans pra frente**. São Paulo: Patuá, 2017.
- » LEAL, Dodi. **Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2018.
- » MACHADO, Antonio. **Poesías**. Barcelona: Losada, 1998.
- » RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2015.
- » SANTOS, Adailton. **A etnocenologia e seu método: pesquisa contemporânea em artes cênicas**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- » TAVARES, Eduardo. **Da geometria de Miguel Ângelo na Capela Sixtina**. São João da Pesqueira: Freguesia de São João da Pesqueira, 1983.
- » TAVARES, Eduardo. **Anatomia Artística: construção plástica do corpo humano**. Porto: Edições Asa, 1994.

